



**nova
escola**

MULHERES QUE ENSINAM

Enedina Alves Marques

Primeira engenheira negra no Brasil,
fez dos estudos pavimento para
construir a própria história



O que você vai encontrar neste e-book?

- 1. Introdução: Mulheres que Ensinam _____ 03
- 2. Quem é Enedina Alves Marques? _____ 05
- 3. A guardiã do setor hidroelétrico _____ 07
- 4. A busca por registros _____ 10

1 Introdução

Ao longo do **Especial Dia da Mulher – Como falar delas o ano todo**, a coleção de e-books **Mulheres que Ensinam** abordará a vida, a obra e as principais contribuições de mulheres – clássicas e contemporâneas – para o conhecimento.

Ao longo da História, em especial aquela tradicionalmente aprendida na escola, as ações, feitos e contribuições das mulheres foram invisibilizados, desconstruídos, minimizados ou apresentados de maneira estereotipada. O mesmo acontece nas demais disciplinas: ainda sabemos pouco sobre quem foram, como viveram e o que fizeram inúmeras matemáticas, escritoras, cientistas, inovadoras, religiosas, filósofas e chefes de Estado. O cenário de desconhecimento se agrava quando pensamos em termos de classe e raça: conhecemos ainda menos sobre mulheres negras, indígenas ou de outros grupos minorizados.

É possível que as imensas contribuições das mulheres tenham sido invisibilizadas ao longo do seu percurso escolar. É possível também que o assunto só seja lembrado na escola em datas

específicas, como 8 de março, Dia Internacional da Mulher. No entanto, possivelmente nunca falamos, discutimos ou valorizamos tanto o tema como agora.

A proposta da coleção de e-books é jogar luz sobre a história e a vida de algumas dessas mulheres que ensinam e ajudar você, professora, a se aprofundar e falar sobre elas com seus alunos, o ano todo.

Neste e-book, você vai aprender mais sobre a vida e a obra da engenheira Enedina Alves Marques.



2 Quem é Enedina Alves Marques?

Nasceu: Curitiba, 13 de janeiro de 1913.

Nasceu: Curitiba, 1981

Principais contribuições: Primeira mulher formada em Engenharia no estado do Paraná; primeira engenheira negra do Brasil; atuou na construção da Usina Hidroelétrica Capivari-Cachoeira (hoje chamada de Usina Parigot de Souza); trabalhou no projeto de construção do Colégio Estadual do Paraná e da Casa dos Estudantes Universitários, ambas edificações tombadas pelo patrimônio histórico paranaense.

É um exercício de imaginação tentar saber o que passou pela cabeça de Enedina Alves Marques, no ano de 1945, durante solenidade de formatura da turma de engenharia civil da Universidade do Paraná (hoje Universidade Federal do Paraná). Ela estava presente à cerimônia não para acompanhar algum dos 32 formandos – todos homens –, mas para comemorar ela própria a conclusão do curso. Naquela ocasião, Enedina entrou para a história como a primeira mulher negra no Brasil a se formar em Engenharia Civil e a primeira mulher a ter esse diploma no estado do Paraná. Um feito e tanto para uma mulher de origem pobre, que, aos 32 anos, começou uma nova carreira profissional em um universo dominado por homens brancos, e depois de ultrapassar tantas barreiras erguidas pelo preconceito.

Enedina nasceu em Curitiba (PR), no dia 13 de janeiro de 1913. Sua história mudou já na infância, quando teve oportunidade de estudar – chance que poucas meninas negras tinham no país naquela época. Quando os pais, Paulo Marques e Virgília Alves Marques, se separaram, sua mãe, conhecida como Dona Duca, conseguiu trabalho como empregada doméstica na casa do major e delegado Domingos Nascimento Sobrinho, na capital paranaense.

Ele acolheu a família de Enedina e, também, custeou seus estudos. Enedina tinha a mesma idade da única filha do major, Isabel, que, por isso, sempre matriculou as duas nos mesmos colégios. Entre 1925 e 1926, ela foi alfabetizada na Escola Particular da Professora Luiza Dorfmund. No ano seguinte, ingressou na Escola Normal, onde ficou até 1931.

“De criança até a fase adulta, Enedina trabalhou de babá e empregada em diversas casas de família de Curitiba. Ela continuou nesta atividade até a conclusão do curso superior”, detalha Jorge Luiz Santana, bacharel em História – Memória e Imagem pela Universidade Federal do Paraná, que pesquisou a vida da engenheira para a monografia “Rompendo barreiras: Enedina, uma mulher singular”, publicada em 2013. Houve apenas uma interrupção no trabalho doméstico entre 1932 e

NA PRÓXIMA
PÁGINA,
ENEDINA
MARQUES NO
CASAMENTO
DA AFILHADA
EZUEL
HOSTINS,
COM OS
AMIGOS
DA FAMÍLIA
NASCIMENTO.
ILUSTRAÇÃO
BASEADA EM
FOTO D'O
ACERVO DO
HISTORIADOR
SANDRO LUÍS
FERNANDES

1935, quando ela se tornou professora e passou a lecionar em cidades do interior do estado, como Rio Negro, Campo Largo, São Mateus do Sul e Cerro Azul.

Mas, mesmo já formada como professora, Enedina voltou a trabalhar em casa de família quando retornou à capital paranaense. Para o historiador, essa pode ter sido uma estratégia para alcançar o objetivo de ingressar no ensino superior. Isso porque, quando passou a morar na casa do construtor Mathias e de Iracema Caron, ela conseguiu “superar a longa distância entre os seus diversos afazeres profissionais e os novos espaços educacionais”. Depois dos Nascimento, os Caron se tornaram os novos benfeitores de Enedina. Ali, sua principal tarefa era cuidar dos filhos do casal, que com frequência viajava a trabalho. Além de atividades domésticas, ela também deu aulas na Escola de Linha de Tiro.

Alguns anos depois, em 1938, Enedina tomou decisão mais firme rumo à busca pelo diploma de Engenharia: entrou em curso complementar em pré-Engenharia no Ginásio Paranaense, hoje Estadual do Paraná, no período noturno – um preparatório para ingressar na graduação efetivamente. Interessante notar que, naquela época, poucas mulheres se aventuravam em outras carreiras que não fosse o magistério.



ABAIXO, FORMATURA DE ENEDINA ALVES MARQUES, EM 1945, NO CURSO DE ENGENHARIA CIVIL DA ENTÃO UNIVERSIDADE DO PARANÁ (HOJE UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). ELA TINHA 32 ANOS.

ILUSTRAÇÃO BASEADA EM FOTO D'O ACERVO DE MARIA DA GLÓRIA FOOHS



Por que Engenharia?

As pesquisas feitas até hoje sobre a vida de Enedina não são conclusivas a respeito dos fatores determinantes para a escolha dela por essa atividade profissional, mas fato é que sua obstinação era reconhecida. “Ela não queria ser outra coisa, ela queria ser engenheira”, conta Eleny Heibel Goncho, filha de Mathias e Iracema Caron, que foi entrevistada para a monografia de Jorge Santana. Eleny comentou que Enedina era “uma pessoa muito esforçada” e que, por não ter condições de comprar livros, os pedia emprestado aos colegas e “passava a noite copiando tudo à mão livre para poder estudar.”

O empenho valeu a pena: em 1940, ela entrou para a Faculdade de Engenharia Civil da Universidade do Paraná, espaço de ensino criado no mesmo ano de nascimento de Enedina, 1913, pela elite paranaense para formar regionalmente os filhos dos mais ricos, sem a necessidade de deslocá-los para os principais centros urbanos na época, Rio de Janeiro ou São Paulo. De acordo com o historiador, o valor da matrícula na faculdade equivaleria a quase dois salários-mínimos na época – uma quantia bem alta para uma empregada doméstica e professora. Ela continuou nas duas atividades profissionais ao longo de toda a graduação.

Já durante o curso, Enedina relatou a pessoas próximas as dificuldades de cursar a faculdade, o que pode justificar os registros de reprovações e exames de segunda época, além da conclusão do curso em seis anos – um a mais do que a duração prevista. Elfrida Elisabeth Schierman Sickael, sobrinha de Iracema Caron, contou em depoimento à Santana sobre perseguições e preconceitos. Segunda ela, Enedina dizia “eu não desisto, eu vou até o fim, um dia eles enjoam da minha cara e me aprovam”, relembrou Elfrida, que completou: “E foi o que realmente aconteceu, ela não desistiu, não”.

3 A guardiã do setor hidroelétrico

No mesmo ano em que se formou, em 1945, Enedina foi exonerada do cargo de professora normalista e reconduzida como auxiliar de engenheiro na Secretaria de Viação e Obras Públicas. Foi ali que desempenhou vários cargos e se envolveu com diversos projetos ligados à infraestrutura do setor hidroelétrico do estado. Trabalhou em gabinetes, como quando ocupou

NA PRÓXIMA
PÁGINA,
INSPEÇÃO
DURANTE A
CONSTRUÇÃO
DA USINA
CAPIVARI (HOJE
NOMEADA
USINA PARIGOT
DE SOUZA),
PROJETO DO
QUAL ENEDINA
FEZ PARTE NA
DÉCADA DE
1960.
ILUSTRAÇÃO
BASEADA EM
FOTO D'O
ACERVO DO
HISTORIADOR
SANDRO LUÍS
FERNANDES

a chefia da Divisão de Engenharia da Secção de Estatística do Estado; e também em ações no campo – como a atuação nos estudos e na construção da Usina Hidroelétrica Capivari Cachoeira (hoje chamada de Usina Parigot de Souza), considerada uma obra de vulto entre engenheiros. “Conta-se que ali ela virou uma espécie de ‘guardiã’ da usina e, para impor respeito, e também se defender de qualquer ataque de animais selvagens, como onças, andava com uma arma na cintura”, destaca o historiador Sandro Luís Fernandes. Desde 2008, Sandro estuda a vida da engenheira como parte de um projeto de documentário, ao lado do cineasta Paulo Munhoz.

A partir de 1951, Enedina foi transferida novamente para a Secretaria de Educação, mas, desta vez, para capitanear os projetos de engenharia ligados à pasta. Foi nessa época que participou da construção de espaços escolares, como o Colégio Estadual do Paraná e a Casa dos Estudantes Universitários, ambos prédios públicos tombados pelo patrimônio histórico estadual.

Em 1962, bem relacionada e reconhecida pelos feitos profissionais, aposentou-se com “vencimento equivalente ao de promotor público do estado”, conta Jorge Santana, ou seja, com salário de alto padrão, o que garantiu ganhos financeiros e materiais.



4 A busca por registros

Enedina nunca casou e nem teve filhos. Independente, gostava muito de viajar e é lembrada por muitos afilhados e sobrinhos como uma pessoa generosa, que gostava de dar presentes. Foi justamente por não comparecer ao aniversário de uma afilhada, em 1981, que chamou a atenção de pessoas próximas. Ao chegarem ao seu apartamento, onde morava só, encontraram seu corpo sem vida, vítima de um ataque cardíaco.

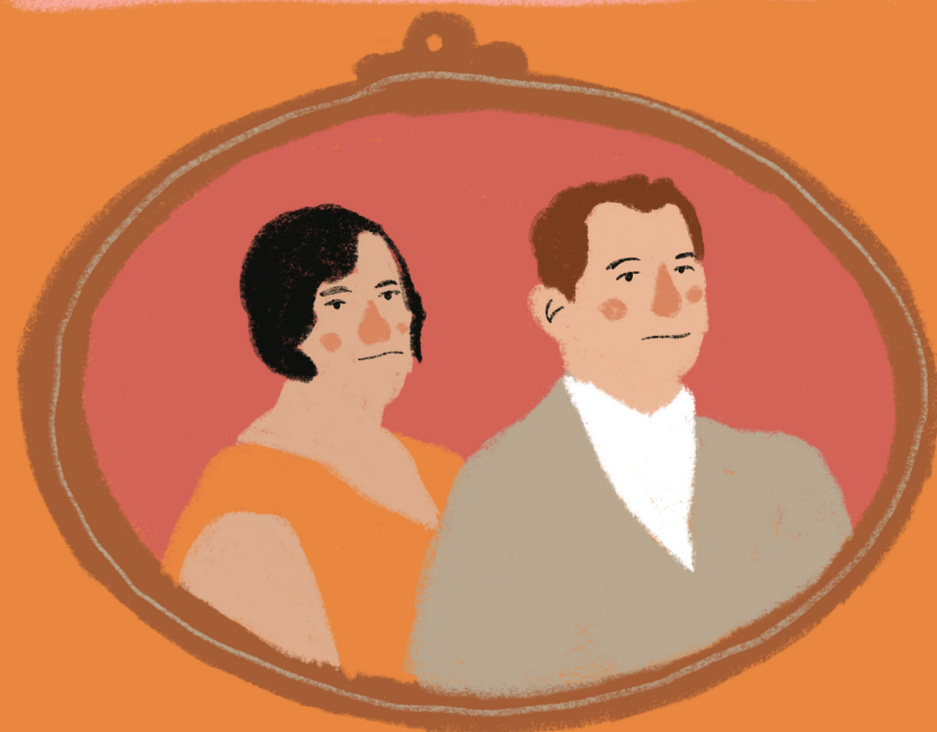
A morte aos 68 anos foi retratada de forma sensacionalista pela imprensa à época, que levantou suspeitas sobre a causa. Esse fato mobilizou seus pares numa busca por reparação e enaltecimento da figura de Enedina. A partir de então, recebeu homenagens: virou nome de rua e inspirou a fundação do Instituto de Mulheres Negras Enedina Alves Marques, em Maringá (PR), que trabalha no combate a invisibilidade de negras e negros na escola, no mercado de trabalho e em outras esferas sociais.

Apesar de gostar muito de escrever cartas, nenhum registro do tipo foi guardado. “Após a sua morte, pouco sobrou de seus pertences e de outros registros feitos por ela”, conta

Sandro Fernandes. O historiador tem reunido os poucos documentos e fotografias de Enedina. Com a divulgação de seu projeto de realizar um documentário sobre a engenheira, Sandro passou a receber contatos esporádicos de pessoas que conviveram ou que se lembram da profissional.

São poucas as peças dessa história, mas que, mesmo assim, dão uma mostra da trajetória dessa mulher enérgica e ativa, que conduziu sua vida de acordo com suas vontades e apesar das dificuldades e dos preconceitos com os quais se deparou desde a infância.





ACIMA: ENEDINA COM AS PROFESSORAS DO GRUPO BARÃO DE ANTONINA, EM RIO NEGRO (PR), NA DÉCADA DE 1930, QUANDO LECIONAVA

À DIREITA, ACIMA: RETRATO DE ENEDINA PUBLICADA NO LIVRO “MULHERES NEGRAS DO BRASIL”, DE AUTORIA DE SHUMA SCHUMAKER E ÉRICO VITAL BRAZIL, PUBLICADO EM 2014.

À DIREITA, ABAIXO: RETRATO DE DOMINGOS NASCIMENTO E ESPOSA, FAMÍLIA DE BENFEITORES QUE CUSTEIO PRIMEIROS ESTUDOS DE ENEDINA EM ESCOLA PARTICULAR NA DÉCADA DE 1920.

ILUSTRAÇÕES BASEADAS EM FOTOS D'O ACERVO DO HISTORIADOR SANDRO LUÍS FERNANDES E DE MARIA DA GLÓRIA FOOHS

nova
escola

Reportagem
RACHEL BONINO

Edição
ROSI RICO

Revisão
ALI ONAISSI

Ilustração
BÁRBARA QUINTINO

Diagramação
DUDA OLIVA